

AUTA DE SOUZA

Luto sucessivo

Auta de Souza nasceu em Macaíba, cidadezinha do Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1876, filha de Eloi Castriciano de Souza e de Henriqueta Rodrigues de Souza. De pele clara, magrinha e calada, desde muito cedo sentiu todo o horror da morte: com menos de 3 anos, ficou órfã de mãe e, aos 4 anos, de pai, ambos tuberculosos. Juntamente com os quatro irmãos, foi criada no Recife, em Pernambuco, pela avó materna, Silvina Maria da Conceição de Paula Rodrigues, a Dindinha, e pelo avô, Francisco de Paula Rodrigues, que desencarnou quando ela contava 6 anos de idade. Aos 10 anos, Auta assistiu à morte do irmão Irineu, vitimado pelo fogo na explosão de um lampião de querosene. Assim, desde a infância, o destino lhe apareceu como um enigma em que o luto era a única possibilidade de decifração.

Uma jovem como as outras

Estudou no Colégio São Vicente de Paula, onde recebeu carinhosa acolhida por parte das religiosas francesas que o dirigiam. Lá teve educação primorosa: Literatura, Inglês, Música, Desenho e Francês. De 1888 a 1890, a jovem Auta estudou, recitou, escreveu versos, ajudou as irmãs do Colégio e aprimorou a beleza de sua fé na leitura constante do Evangelho.

Era comunicativa, alegre, sociável. Católica, sua religiosidade era profunda, sincera, medular, mas não ascética, mortificante ou mística. Sua devoção ao anjo de guarda e seu amor por Jesus não a distanciaram dos sonhos comuns a todas as jovens: casamento, lar, maternidade. Aos 14 anos, manifestaram-se os primeiros sintomas da tuberculose que a levaria à morte prematura. O forte sentimento religioso e mesmo a doença, porém, não a impediram de ter uma vida absolutamente normal em sociedade.

Com 16 anos, enamorou-se de um jovem promotor público de Macaíba, João Leopoldo da Silva Loureiro. Ele admirava seu vulgar talento poético e gostava de ouvi-la declamar, com sua belíssima voz envolvente e aveludada, nas festas familiares. Apreciava-a também como parceira de dança nas quadrilhas, polcas e valsas. O namoro durou apenas 1 ano e alguns meses, porém. A tuberculose progredia, e os irmãos de Auta a convenceram a renunciar. A separação foi cruel para a jovem, ao contrário do promotor, que aceitou o fim do namoro sem reação. Não era o homem indicado para amar uma alma delicada e sonhadora como Auta de Souza. Faltava-lhe refinamento espiritual para apreciar o amor profundo que ela lhe dedicava.

Cântico de dor

Essa sucessão de golpes dolorosos marcou profundamente sua alma feminina. A orfandade ainda na infância, o desencarne trágico do irmão, a moléstia contagiosa e a frustração no amor elaborados sob forte religiosidade, levaram Auta a compor uma obra poética singular na história da literatura brasileira: *Horto*. Seu único livro, cuja primeira edição saiu do prelo em 20 de junho de 1900, é um cântico de dor, mas também de fé cristã, um transbordamento de sua inata sensibilidade em versos comovidos e ternos, ora ardentes, ora tristes.

Formou-o a autora recordando, sentindo, pensando. Em casa, o luto sucessivo; no colégio, as litanias da Igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existência, a paisagem triste do sertão nos longos meses de seca, a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia, a saudade dos diversos lugares em que esteve em busca de melhoras aos padecimentos físicos. Tudo isso concorreu muitíssimo para apurar a maravilhosa sensibilidade de seu temperamento; e, à medida que a doença progredia, essa sensibilidade se tornava mais profunda, fazendo do ser frágil de Auta o intérprete de inúmeros corações sem consolo.

A primeira edição de *Horto* esgotou-se em dois meses. O livro foi recebido com elogios pela melhor crítica do país. A verdadeira consagração, todavia, veio do povo, que se apoderou dele com devoto carinho, passando a repetir muitos de seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e até nas igrejas, sob a forma de "benditos" anônimos. Sem pensar e sem querer, Auta reproduzira a lâpis, na *chaise-longue* onde a doença a mantinha, as emoções mais íntimas de nossa gente: encontrara no próprio sofrimento a expressão exata do sofrimento alheio.

Trajetória

Auta de Souza não teve cultura literária vasta.

Era vista lendo para as crianças pobres, para mulheres humildes do povo ou velhos escravos, as páginas simples e ingênuas da *História de Carlos Magno*, brochura que corria os sertões, escrita ao gosto popular da época. Lia-o no campo, os olhos ingenuamente maravilhados, para o mais ingênuo dos auditórios, composto pelo povo do sertão que exerceu tão salutar influência em seu espírito.

Depois, chegou a vez das *Primaveras*, de Casimiro de Abreu. Um pouco mais tarde, no colégio, não leu outra coisa a não ser os compêndios de estudo e as obras de prêmio, de feição religiosa e sentimental. Nesse tempo, seu livro predileto foi um romance profundamente triste, *Tebstima*, episódio lendário da primeira Cruzada.

Ao sair do internato, onde aprendera bem as línguas francesa e inglesa e adquirira boas noções de música e de desenho, começou a ler alguns autores brasileiros, especialmente Gonçalves Dias e Luiz Murat.

Nos últimos anos, as horas que podia dispensar ao convívio dos autores, consagrava-as aos místicos, a Th. de Kempis, a Lamartine, a S. Theresa de Jesus. A eles, associava Marco Aurélio, cujos *Pensamentos* muito concorreram para aumentar a tolerância e a simpatia com que encarava os seres e as coisas.

Essa é a história de sua formação intelectual. A influência das irmãs de São Vicente de Paula é visível em todo seu livro. O próprio estilo, simples e claro desde as primeiras poesias, parece um produto do esforço das mestras que a ensinaram e corrigiram com bom senso.

O sofrimento, entretanto, foi seu melhor guia. Sem a dor que burilou sua fé, Auta certamente não teria encontrado a forma com que deu cor e relevo às visões de seu misticismo. Assim, mais que uma coleção didática de salmos católicos, *Horto*

encerra, com a tristeza de um ser cruelmente ferido pelo destino, perturbado em face do mistério da vida, a queixa universal do sofrimento humano.

Auta de Souza faleceu aos 24 anos, na madrugada de 7 de fevereiro de 1901, na cidade de Natal. Em 1906, seus restos mortais foram transferidos para o jazigo da família em Macaíba, sua terra natal. Em 14 de novembro de 1936, a Academia de Letras do Rio Grande do Norte, instalou a cadeira 20, dedicada a Auta de Souza.

No plano espiritual

Livre do corpo desgastado pela enfermidade, Auta de Souza alçou vôo em direção à espiritualidade maior. A compaixão que sempre sentira pelos sofredores, no entanto, fez com que, em companhia de outros Espíritos caridosos, a poetisa visitasse, constantemente a crosta terrestre. Foi através de Chico Xavier que ela, pela primeira vez, revelou sua identidade. Em 1932, suas poesias integraram a primeira edição do *Parnaso de além-túmulo*, lançado pela Federação Espírita Brasileira.

Em sua existência física, Auta de Souza, qual ave cativa, cantou seu anseio de liberdade. O coração resignado buscou consolo nas bem-aventuranças prometidas por Cristo aos aflitos da Terra. Além-túmulo, é o pássaro liberto e feliz que, voltando ao ninho dos antigos infortúnios, vem trazer aos homens a mensagem de bondade e esperança, o apelo à fé e à caridade, indicando o rumo certo para a conquista da verdadeira vida.

"Não vês? Minh'alma é como a pena branca
Que o vento amigo da poeira arranca
E vai com ela assim, de ramo em ramo,
Para um ninho gentil de gaturamo...
Leva-me, ó coração, como esta pena
De dor em dor até à paz serena."

Fonte: *Horto*, 3a edição, 1936